

PANORAMA GERAL DE ESTUDOS SOBRE CONTACTO DE LÍNGUAS AUTÓCTONES NAS ZONAS RURAIS EM ÁFRICA E EM MOÇAMBIQUE

OVERVIEW OF STUDIES ON INDIGENOUS LANGUAGES CONTACT IN RURAL AREAS OF AFRICA AND MOZAMBIQUE

José Camilo Manusse¹

Recebimento do Texto: 06/02/2023

Data de Aceite: 04/03/2023

RESUMO: Este artigo apresenta o panorama geral de estudos sobre contacto de línguas autóctones nas regiões rurais em África e, particularmente, em Moçambique. Reconhece-se, nele, a escassez de estudos do fenómeno, comparativamente às zonas urbanas. O estudo apresenta estudos seminais, estudos sobre África e Moçambique e as dimensões que normalmente tem sido abordadas nesses estudos, nomeadamente, as implicações estruturais nas línguas em contacto, perspectiva micro, como é o caso de empréstimos linguísticos, interferência linguística, mudanças morfo-sintáticas induzidas por contacto de língua, aquisição da língua-segunda (L2), mistura e alternância de códigos (code-mixing e code-switching) (cf. Appel & Muysken, 2005; Winford, 2010; Corrigan, 2010; Hickey, 2010; Gardner-Chloros, 2010) e a perspectiva macro, que incide sobre implicações sociais no uso de línguas em contacto, nomeadamente, as atitudes linguísticas, escolha de língua, manutenção e mudança linguística, criouliização, línguas francas (cf. Appel & Muysken, 2005; Matras, 2009; Wardhaugh & Fuller, 2015). O artigo termina abrindo uma nova perspectiva de pesquisa sobre a possibilidade de coexistência de duas ou mais línguas autóctones nas zonas rurais de Moçambique, tal como tem sido documentado noutros contextos africanos.

PALAVRAS-CHAVE: Contacto de Línguas. Sociolinguística. África. Moçambique.

ABSTRACT: This article gives an overview of studies on indigenous languages contact in rural areas in Africa and particularly in Mozambique. Studies addressing this phenomenon are scant compared to urban areas. The study presents seminal studies, studies on Africa and Mozambique and the dimensions that, in general terms, have been considered in these studies, namely, the structural implications of languages contact, micro perspective, such as linguistic loans, linguistic interference, morpho-syntactic changes resulting from language contact, second language acquisition (L2), mixing and alternation of codes (code-Mixing and code-switching) (cf. Appel & Muysken, 2005; Winford, 2010; Corrigan, 2010; Hickey, 2010; Gardner-Chloros, 2010) and the macro perspective, which focuses on social implications in the use of languages in contact, namely linguistic attitudes, language choice, linguistic maintenance and change, creolization, lingua franca (cf. Appel & Muysken, 2005; Matras, 2009; Wardhaugh & Fuller, 2015). The article ends by opening a new research perspective on the possibility of coexistence of two or more indigenous languages in rural areas of Mozambique, as documented in other African contexts.

KEYWORDS: Language Contact. Sociolinguistics. África. Mozambique.

¹ Docente da Universidade Eduardo Mondlane (UEM), Maputo-Moçambique. Doutorando em Linguística pela mesma instituição. E-mail: jose.manusse8@gmail.com

Introdução

Na caracterização da situação linguística nos países africanos nota-se que o multilinguismo é um dos aspectos dominantes, sendo geralmente considerado como um fenómeno eminentemente urbano, em que uma língua ex-colonial coexiste com uma ou várias línguas autóctones (Di Carlo 2018; Beyer 2010). As zonas rurais são tidas como um espaço sem uma presença significativa de línguas ex-coloniais e, portanto, com predomínio das línguas autóctones, distribuídas disjuntivamente por territórios específicos. Porém, tal situação poderá ser mais complexa. Por exemplo, Di Carlo & Good (2020), referindo-se à região rural de Mbororo, nos Camarões, mostram que, embora haja uma crença de que as sociedades rurais africanas são monolíngues, o caso de Mbororo provava o contrário. Nesta comunidade, até aos 8 anos de idade, as crianças aprendiam 3 línguas distintas, nomeadamente, o babanki, uma língua falada na região vizinha, o pidgin do inglês camaronês, tratada como uma língua franca nos Camarões e o mbororo. Dentro da comunidade de mbororo, era comum que todos os cidadãos falassem mais de duas línguas desde muito cedo, alargando a quantidade de línguas à medida que iam crescendo e frequentando o sistema de educação (cf. Di Carlo & Good, 2020: 37- 41). Mbororo, na realidade, é um caso de uma região rural caracterizada por uma diversidade linguística, contrariamente ao que é habitualmente assumido nas descrições do multilinguismo em contextos africanos. Num outro trabalho, Cobbinah (2010: 175-190) corrobora esta constatação num estudo sobre contacto de línguas autóctones na região de Casamance, no Senegal. No seu trabalho, o autor mostra que Bainouk é uma região geográfica, mas também é um termo que designa um conjunto de línguas minoritárias dessa região. Essas línguas pertencem à família Níger-Congo, abarcando uma parte do Senegal e outra da Guiné-Bissau. Por razões históricas, ligadas às migrações e religião, nesta região confluem várias línguas que possuem a mesma origem e faladas em diversas comunidades. A pesquisa de Cobbinah (2010) reconhece a existência de cinco línguas francas, algumas mutuamente inteligíveis, nomeadamente, o mandinka (mande), peul, línguas joola, francês e o crioulo português muito influenciado por línguas autóctones. O elevado nível de contacto de línguas que se verifica nesta região permite que uma criança oriunda

de Djibonker ou Bainounk (duas regiões vizinhas) fale normalmente 4 línguas e um adulto fale entre 6 a 10 línguas autóctones.

Também Beyer (2010), depois de sublinhar o facto de estudos sobre contactos de línguas em contextos rurais em África ainda estarem numa fase embrionária, descreve uma situação de multilinguismo na região africana do Sahel. O autor mostra, na sua pesquisa, a influência de factores sociais como redes sociais, parentesco, género, idade, religião, etc. na mudança linguística no Sahel, ao longo do rio Sourou, que faz fronteira entre Burkina Faso e Mali. Esta região rural fronteira é multilingue, coexistindo nela diversas línguas como marka-dafing, samo do Norte, pana e dogon. As diversas línguas estão numa competição entre si em diversos contextos de comunicação entre os falantes nativos nas diversas regiões circunvizinhas, havendo casos extremos de certas línguas coexistirem na mesma aldeia, como é o caso das línguas mooré e jula. Ou seja, o estudo de Bayer (2010) descreve também um caso de multilinguismo numa região rural africana, mostrando o papel que diversos factores sociais desempenham no processo de escolha de uma língua em diferentes contextos.

No caso de Moçambique, ainda são escassos estudos sobre o contacto de línguas autóctones nas zonas rurais, embora, tal como acontece noutros quadrantes de África, o espaço rural moçambicano seja também dominado por línguas locais (Gonçalves & Chimbutane, 2009; Chimbutane, 2012). Neste espaço, a língua do ex-colonizador tem pouca relevância, uma vez que o seu uso é assumido como muito reduzido ou mesmo nulo. Na diferenciação entre as sociedades urbana e rural, está subjacente a ideia de que os espaços rurais são unidades monolíticas com uma *homogeneidade linguística* na base de uma língua autóctone. Daí surgiriam unidades territoriais onde predominaria uma certa língua específica, não havendo possibilidade de uma coexistência de duas ou mais línguas. Esta situação carece de uma maior averiguação, já que há, portanto, indícios de que a caracterização da situação multilingue de Moçambique pode ser mais complexa. Por exemplo, pode ser que a coexistência linguística não se restrinja aos espaços urbanos. Também pode ser que nos espaços rurais haja uma coexistência de *línguas autóctones* tal como tem sido documentado em outras partes de África.

Conceito, âmbito e estudos seminais sobre contacto de línguas

Entende-se por contacto de línguas a coexistência e interação das diferentes línguas entre falantes de uma comunidade. Segundo Thomason (2010:32), há contacto de línguas “quando falantes ou textos de línguas diferentes entram em interação e há transferência das características de uma língua para outra”. Por outro lado, Matras (2009:63) considera contacto de línguas como uma “prática de interações comunicativas em que as línguas coexistem no mesmo espaço e vão cumprindo diversos papéis na vida da comunidade linguística”. Segundo este autor, o falante escolhe as estruturas e formas linguísticas a utilizar em função do contexto específico e essa escolha é influenciada pela finalidade que o falante pretende alcançar através do seu discurso

A literatura considera que o marco inicial de estudos sobre contacto linguístico são os trabalhos de W.D. Whitney ou H. Schuchardt, que se debruçaram sobre fenómenos relacionados com o contacto linguístico, como sejam, o papel de empréstimos na mudança linguística (Whitney, 1881) ou situações de crioulização (Schuchardt, 1890). Contudo, uma visão compreensiva de contacto linguístico ocorre a partir dos anos 50 do séc. passado com a divulgação de Weinreich (1953) e Haugen (1953), que estudaram o comportamento de falantes bilingues. É a partir daí que os estudos sobre o contacto linguístico expandiram-se, cobrindo uma variedade de fenómenos associados ao bilinguismo individual ou social, como são os casos de estudos de aspectos ligados à identidade, ideologias linguísticas, língua e etnicidade, atitudes linguísticas, a influência de aspectos sociais na escolha de língua, mudança e manutenção de língua (*language shift and language maintenance*), morte de línguas (*language death*), aquisição de língua segunda (L2), interinfluência das línguas em contacto, empréstimos lexicais (*lexical borrowing*), crioulização, etc.

Os estudos sobre contacto de línguas cobrem várias dimensões, que podem ser agrupadas em duas perspectivas inter-relacionadas:

a) perspectiva micro, que incide sobre implicações estruturais nas línguas em contacto, como é o caso de empréstimos linguísticos, interferência linguística, mudanças morfo-sintáticas induzidas por contacto de língua, aquisição da língua-segunda (L2), mistura e alternância de códigos (*code-mixing*)

e code-switching) (cf. Appel & Muysken, 2005:117-135; Winford, 2010:170-187; Corrigan, 2010:106-127; Hickey, 2010:151-169; Gardner-Chloros, 2010:188-207).

b) perspectiva macro, que incide sobre implicações sociais no uso de línguas em contacto numa comunidade, como por exemplo, fenómenos relacionados com atitudes linguísticas, escolha de língua, manutenção e mudança linguística, crioulização, línguas francas (cf. Appel & Muysken, 2005:32-45; Matras, 2009:41-60; Wardhaugh & Fuller, 2015:82-134).

Conforme acabamos de referir, nos últimos anos foram feitos vários estudos marcantes que trouxeram um contributo valioso na descrição de diversos fenómenos ligados ao contacto de línguas. Nestes estudos, vários conceitos têm sido utilizados. Dada a natureza da nossa pesquisa, faremos a revisão de alguns desses conceitos que considerámos relevantes, relacionados com a dimensão social do contacto linguístico, tendo em conta sociologia da escolha linguística, manutenção e mudança linguísticas, língua e identidade, mistura e alternância de códigos. Os estudos sobre sociologia da linguagem focalizam nos aspectos sociais da língua. Para o efeito, segundo Appel & Muysken (2005:22-31), três perspectivas têm dominado estudos sobre sociologia da escolha linguística, nomeadamente, as perspectivas determinísticas, orientadas para pessoa e a da especialização funcional.

Na perspectiva determinística, o enfoque são as normas sociais e sua influência na escolha linguística. Nesta perspectiva destacam-se as propostas de Fishman (1965; 1972) e de Ferguson (1959) que introduziram os conceitos de domínio e de diglossia para explicar o fenómeno de escolha de língua.

O domínio toma como base a organização social da comunidade de falantes. Entende-se por *domínio* a caracterização abstracta de situações e cenários que resultam da combinação de vários factores, como por exemplo, ser membro de um grupo, a situação específica e o tópico da conversação. Ou seja, a escolha de uma língua pode ser determinada pela combinação de local de interacção, pessoas envolvidas e assunto/tema em causa. Trata-se da confluência entre participantes, tópico e localização. Foi na base destes pressupostos que J. Fishman postulou que a Sociolinguística se preocuparia por saber quem usa que língua, com quem, para quê e onde. Cada tipo de resposta a estas questões envolve, necessariamente, diversos factores ligados à escolha de língua (*language choice*).

A *diglossia* refere-se a uma situação em que estão envolvidas duas variedades de sistemas linguísticos utilizados numa comunidade: uma variedade formal, que possui um estatuto social superior, elevado (H- high), por isso de prestígio, e a outra variedade é vernácula, popular, e possui um estatuto social baixo (L-low), Ferguson (1959) observa que cada variedade possui as suas funções na comunidade de discurso, sendo que a variedade H é usada em contextos políticos, na religião, na literacia e como herança histórica. Ela está padronizada, internacionalizada e mais estável. Gramaticalmente ela é muito mais complexa do que a variedade L, sendo esta última usada em contextos informais entre amigos e em contextos menos formais, domésticos.

Nas perspectivas orientadas para pessoa (*person-oriented approaches*), o foco é interação entre falantes, propondo-se os conceitos de árvore das decisões (*decision tree*) (Sankoff, 1972) e de acomodação (Giles, 1973). A árvore das decisões relaciona-se com o facto de o falante ser exposto a escolhas binárias organizadas hierarquicamente, devendo fazer escolhas influenciadas por factores étnicos, estilo e tópico de conversação. A *acomodação* é um conceito que supõe que a escolha de língua não pode ser explicada adequadamente pela referência a factores situacionais apenas, há que considerar factores relacionados a relações interpessoais. Decorrente da psicologia social, o pressuposto é de que nas interações linguísticas, um falante pode influenciar outro a adoptar a mesma forma de fala e deste modo reduzirem-se as diferenças entre ambos. Também pode haver afastamento da selecção de elementos linguísticos, resultando numa divergência (Appel & Muysken, 2005:27-28).

Na especialização funcional, o enfoque vai para as diversas *funções* que a língua pode desempenhar. R. Jakobson estabeleceu seis funções de linguagem (referencial, integrativa, expressiva, fática, metalinguística e poética). Segundo R. Jakobson, nas práticas linguísticas dos falantes bilingues, diferentes línguas podem cumprir diferentes funções e a escolha de uma determinada língua pode ser um sinal de uma função primária que está sendo necessária num dado contexto (Jakobson, 1960 citado em Appel & Muysken, 2005:29-31).

De acordo com Appel & Muysken (2005) existe uma forte relação entre língua e identidade e esta pode ser expressa através de atitudes linguísticas dos falantes em relação às línguas em contacto. As atitudes podem verificar-se em

relação a um certo grupo social/étnico, uma língua de um grupo social, falantes de uma certa língua, etc. Entende-se por *atitude linguística* a forma como os falantes fazem as escolhas de língua reflectindo a maneira como eles querem ser vistos (Wardhaugh & Fuller, 2015:88). Por outro lado, o processo de escolha de uma língua pode expressar uma certa identidade (Appel & Muysken, 2005:23).

A manutenção linguística refere-se a uma situação em que uma comunidade linguística, havendo situações que a obrigariam a mudar o uso da sua língua para outra, opta por continuar a usar a sua própria língua (Brenzinger, 2019:454). Por outro lado, mudança linguística é o processo através do qual falantes de uma língua mudam da sua língua para uma outra nova língua de comunicação primária (Abtahian, 2019:442). Os fenómenos de *Manutenção e Mudança linguísticas* ocorrem quando os falantes tendem a usar uma língua maioritária em domínios que normalmente se usa uma língua minoritária e fazem-no como seu veículo de comunicação porque lhes permite uma maior mobilidade social (Appel & Muysken, 2005:32). Giles et al. (1977) citado por Appel & Muysken (2005:33) consideram a combinação de factores como *status* (económico, social, sócio histórico, linguístico) demográficos (distribuição geográfica de grupos linguísticos minoritários) e institucionais (uso na imprensa, ensino, administração, etc.) como relevantes no processo de mudança e manutenção linguísticas.

A *identidade linguística* é o processo de construção de uma certa imagem sobre falantes, através de significados linguísticos, como por exemplo o uso de certas formas lexicais ou variedades linguísticas. No estudo da identidade linguística questão chave não é o que se possui, mas o que conta é o comportamento linguístico do falante, é uma construção social (Heller, 2007:13 citado por Wardhaugh & Fuller, 2015:72) e relaciona-se com categorias como género, ocupação, etnicidade, etc.

A mistura e alternância de códigos (*code-mixing e code-switching*) são igualmente fenómenos ligados ao de contacto de línguas. Entende-se por *mistura de códigos* quando há mudança de código linguístico (de uma língua A e uma língua B) num enunciado produzido por um falante bilingue. Por outro lado, a *alternância de códigos* ocorre quando “duas ou mais línguas coexistem numa comunidade e, os falantes, frequentemente, mudam de uma língua para outra” (Sridhar, 2009: 56-57).

Estudos sobre contacto de línguas em África

Como consequência da partição colonial de África, os países africanos são caracterizados por uma acentuada diversidade sócio-cultural e linguística, de onde decorrem fenómenos de contacto de línguas. A necessidade de gestão desta diversidade dá origem a vários estudos que se debruçam sobre o multilinguismo e consequente coexistência de línguas. No geral, os estudos sobre contacto de línguas tem sido, na sua maioria, de natureza descritiva e usam uma metodologia qualitativa. Fishman, Ferguson e Das Gupta (1968) é um exemplo paradigmático destes estudos. Trata-se de uma obra fundamental que faz uma radiografia dos principais problemas linguísticos nos países em desenvolvimento.

Outros estudos sobre contacto de línguas em África surgiram no mesmo período financiados pela Ford Foundation, como o caso de *Language in Zambia* (Ohannessian & Kashoki, 1978) ou *Language in Kenya* (Whiteley, 1974). Estes estudos procuraram fazer inventário linguístico de alguns países africanos como forma de facilitar a gestão linguística desses países face à situação de multilinguismo que os caracteriza. Assim, apresentam o panorama linguístico dos referidos países indicando as línguas faladas, por quem e em que regiões, para que finalidade, bem como subsídios para a definição de políticas de uso dessas línguas nas diversas esferas de vida nacional, destacando-se aspectos ligados à educação.

Um campo profícuo do estudo de contacto linguístico está relacionado com a emergência de variedades urbanas, resultantes de mistura de códigos e crioulização, em consequência do intenso contacto interlinguístico que ocorre nas urbes. Beck (2010) no seu estudo intitulado “Urban Languages in África” considera que a urbanização inclui, entre diversos fenómenos, a adopção de práticas linguísticas que reflectem vivência urbana. Daí surgirem línguas urbanas que resultam de um processo de convivência de diversas línguas e do processo de autonomização e de modernização das práticas linguísticas. São exemplos de línguas urbanas o *tsotsitaal* (citsotsi), na África do Sul, o wolof urbano, no Senegal, ou *chiHarare*, no Zimbabwe.

Como temos vindo a referir, estudos sobre o contacto de línguas nas zonas rurais não são numerosos, embora nos últimos tempos haja pesquisas significativas nesse sentido. É o caso de estudo intitulado “Towards an understanding of

African endogenous multilingualism: ethnography, language ideologies, and the supernatural” (Di Carlo, 2018) que, considerando a situação de Baixo Fungom, uma zona rural multilingue pouco estudada e marginalizada do nordeste dos Camarões, mostra a relevância de estudos linguísticos em contextos rurais e, sobretudo, para se aprofundar a prevalência do multilinguismo em África.

Muitos estudos sobre o multilinguismo e contacto de línguas em África estão focados na interação entre línguas autóctones e antigas línguas coloniais, relegando para o segundo plano a interação entre as línguas autóctones, principalmente nas zonas rurais. Cobbinah (2010) é um dos poucos estudos que se debruça sobre a interação entre as línguas autóctones, com base no caso de Casamance, Senegal. Este estudo traça um quadro panorâmico e descritivo sobre interação entre línguas autóctones, caracterizando a zona de Casamance como uma região com altos níveis de diversidade linguística e variação dialectal, cinco línguas francas e um alto grau de multilinguismo (Cobbinah, 2010:175-6), o que é um facto demonstrativo da necessidade de se focalizar sobre o multilinguismo e contacto linguístico nas zonas rurais de África. Di Carlo (2018) é um outro estudo que contribui para alertar para a necessidade de se estudar o carácter peculiar do multilinguismo nas zonas rurais. Tendo em conta o caso de Baixo Fungom, Di Carlo (2018) propõe o conceito de “multilinguismo endógeno”, que deve ser entendido como fenómenos de multilinguismo individual em que tanto as línguas presentes nos repertórios do falante e as suas ideologias são amplamente localizadas, o que leva a conclusão de que o multilinguismo tem sido um facto da vida social em África há muito tempo (cf., p.141). A normalidade do multilinguismo em África já tinha sido destacada por Di Carlo & Good (2017), ao ponto de o conceito de língua materna poder ser de difícil aplicação, dado que as pessoas nascem e falam, desde cedo, várias línguas. Este artigo refere ainda que o conhecimento multilingue é um instrumento valioso de identidade linguística e há contextos em que não possuir este conhecimento pode ser considerado uma aberração.

Di Carlo e Good (2020) é um outro estudo que comprova, com base no caso de Mbororo (Camarões), que em contextos africanos onde se fala mais de uma língua, o elemento motivador da escolha de língua a usar numa interação depende da conjugação de factores como: com quem se conversa; a sua origem;

o contexto da conversação; o domínio da conversação; estatuto social do interlocutor; respeito; família, etc. Por outro lado, a escolha da língua a usar não pode violar as normas sociais e o estatuto social dos interlocutores.

Estudos sobre contacto de línguas em Moçambique

Em Moçambique, estudos sobre dinâmicas do contacto de línguas nas zonas rurais são escassos, comparativamente a amplitude do multilinguismo neste país. Nesses estudos, no geral, os investigadores procuram abordar tópicos linguísticos ligados ao multilinguismo, como por exemplo, estudos sobre o panorama linguístico de Moçambique (Katupha, 1994), planificação e política linguística (Lopes, 1999; Firmino, 2002; Chimbutane, 2015b), questões ligadas ao ensino num país multilingue e multicultural (Chimbutane, 2015; Chimbutane, 2011; Guissemo 2002; Simango, 1994), variação, contacto e mudança linguística (Jon-And, 2011; Tuzine, 1997), atitudes e identidades linguísticas (Firmino, 2002; Ponso, 2014), mudança do português em resultado do contacto linguístico (Gonçalves, 2010; Gonçalves *et al.*, 1986), etc.

Por exemplo, Ponso, (2014) ao estudar as práticas, atitudes e identidades linguísticas entre jovens moçambicanos plurilingues conclui, entre várias constatações, que o conhecimento e o uso de línguas autóctones era impedido, em algumas famílias e na escola, em virtude da preocupação com a aquisição do português, numa clara demonstração do estatuto que o português possui comparativamente às línguas de origem bantu. Em Firmino (2002) no seu estudo intitulado a “Questão Linguística” na África Pós-Colonial: O Caso do Português e das Línguas Autóctones em Moçambique voltamos a encontrar a mesma preocupação com as atitudes dos falantes em relação ao português e às línguas bantu. Grosso modo, esta pesquisa revela que os falantes entendem o português não somente como uma língua de comunicação, mas também e sobretudo como um instrumento para a ascensão e promoção, o seu conhecimento permite maior mobilidade social.

Chimbutane (2011) discute questões ligadas à educação bilingue em contextos pós-coloniais. Nesse estudo, tomando como exemplo o que ocorre em Moçambique nos últimos tempos, as atitudes em relação às línguas autóctones

têm estado a mudar, dada a tendência para o seu uso em domínios oficiais. O autor considera que as línguas bantu locais e as práticas culturais tendem a ser construídas como símbolos da identidade e meios que podem servir como veículos da instrução formal e progresso, Chimbutane (2011: 136) e, simultaneamente, as mesmas vão ganhando maior visibilidade no mercado laboral formal, facto que concorre para a sua aprendizagem em contextos formais.

(Jon-And, 2011) ao estudar a variação, contacto e mudança linguística procura verificar a relação entre a idade dos falantes e a idade de início de aquisição do português e a aplicação de algumas regras sintácticas (concordância nominal do português padrão). O seu estudo conclui que uma possível razão da variação associa-se ao aumento do uso do português em falantes mais jovens na cidade de Maputo, ao mesmo tempo que diminui o uso das línguas bantu, ou seja, a influência do contacto com as línguas bantu é menor entre os falantes mais jovens do português.

Tuzine (1997) ao estudar o papel da rede social na variação e mudança linguística, relaciona a idade e o padrão de formação de redes sociais nas cidades. O estudo conclui que os informantes das faixas mais baixas estão integrados em redes urbanas, comparativamente aos informantes das faixas mais elevadas. Segundo o autor, este facto pode estar associado à possibilidade que os indivíduos destas faixas têm de interagir com muitas pessoas em diferentes contextos, através de múltiplos contactos que o seu acesso ao emprego lhes possibilita.

Considerações finais

O presente artigo pretendeu apresentar um panorama geral de estudos sobre contacto de línguas nas zonas rurais em África e, particularmente em Moçambique, averiguando fenómenos ligados não só ao bilinguismo e à identidade e escolha de língua, mas também aos usos e funções das línguas em contexto de contacto linguístico num contexto rural, tendo em conta os subsídios fornecidos na literatura relevante sobre a matéria.

Os resultados desta pesquisa revelaram que, no geral, estudos sobre contacto de línguas nas zonas rurais são ainda escassos, comparativamente a amplitude do multilinguismo nesses países, como por exemplo Moçambique.

Estes estudos procuraram fazer inventário linguístico de alguns países africanos como forma de facilitar a gestão linguística desses países face à situação de multilinguismo que os caracteriza. Assim, apresentam o panorama linguístico dos referidos países indicando as línguas faladas, por quem e em que regiões, para que finalidade, bem como subsídios para a definição de políticas de uso dessas línguas nas diversas esferas de vida nacional, destacando-se aspectos ligados à educação. Por outro lado, estes estudos abordam tópicos ligados ao multilinguismo, como por exemplo, estudos sobre o panorama linguístico de Moçambique, planificação e política linguística, questões ligadas ao ensino num país multilingue e multicultural, variação, contacto e mudança linguística, atitudes e identidades linguísticas, mudança do português em resultado do contacto linguístico.

No caso de Moçambique, o pressuposto de que os espaços rurais são unidades monolíticas e linguisticamente homogêneas, a possibilidade de surgimento de territórios onde predomina uma certa língua, não havendo possibilidade de uma coexistência de duas ou mais línguas autóctones, abre uma perspectiva de pesquisa que só os resultados daí decorrentes o poderão confirmar ou não, tal como tem sido documentado em outras partes de África.

Referências

Abtahian, M. (2019). Language Shift. In J. Darquennes, J. Salmons & W. Vandenbussche (Eds.), *Language Contact* (pp.441-454). Berlim: De Gruyter Mouton.

Appel, R. & Muysken, P. (2005). *Language Contact and Bilingualism*. Amsterdam: Amsterdam University Press.

Beck, R. (2010). "Urban Languages in Africa". In *Africa Spectrum*, 45, 3, pp. 11-41. Disponível em www.africa-spectrum.org.

Beyer, K. (2010). Language contact and change: A look at social factors in an African rural environment. In: *Journal of language contact* – Thema 3, pp.131-145. Disponível em www.jlc-journal.org.

Buchstaller, I. & Khattab, G. (2013). Population samples. In R. Podesva. & D. Sharma (Eds.), *Research methods in linguistics* (pp.74-95). Cambridge: Cambridge University Press.

Brenzinger, M. (2019). Language maintenance. In J. Darquennes, J. Salmons & W. Vandebussche (Eds.), *Language Contact* (pp.454-467). Berlin: De Gruyter Mouton.

Chelliah, S. (2013). Fieldwork for language description. In R. Podesva. & D. Sharma (Eds.), *Research methods in linguistics* (pp.51-73). Cambridge: Cambridge University Press.

Chimbutane, F. (2011). *Rethinking bilingual education in postcolonial contexts*. Bristol: Multilingual Matters.

Chimbutane, F. (2012). *Panorama linguístico de Moçambique: Análise dos dados do III recenseamento geral da população e habitação de 2007*. Maputo: Instituto Nacional de Estatística.

Chimbutane, F. (2015). Línguas e educação em Moçambique. In P. Gonçalves e F. Chimbutane (orgs.) *Multilinguismo e multiculturalismo em Moçambique: Em direcção a uma coerência entre o discurso e a prática* (pp. 35-75). Maputo: Alcance Editores.

Chimbutane, F. (2012). *Panorama Linguístico de Moçambique: Análise dos Dados do III Recenseamento Geral da População e Habitação de 2007*. Maputo: Instituto Nacional de Estatística.

Cobbinah, A. (2010). The Casamance as an area of intense language contact: the case of Bainounk Gubaher. *Journal of language contact – Thema 3*, pp.175-190. Disponível em www.jlc-journal.org.

Companhia, C.A. (2016). *Aquisição do Português em Moçambique: papel do contexto social no desenvolvimento linguístico de alunos da 7ª classe* (Tese de doutoramento, Universidade Eduardo Mondlane).

Corrigan, K.P. (2010). Language contact and grammatical theory. In R. Hickey (Ed.). *The Handbook of Language Contact* (pp. 106-127), Oxford: Blackwell.

Di Carlo, P. & Good, J. (Eds.) (2020). *African multilingualisms: Rural linguistic and cultural diversity*. Lanham, MD: Lexington Books.

Di Carlo, P. (2018). Towards an understanding of african endogenous multilingualism: ethnography, language ideologies, and the supernatural. *IJSL*, 254, pp.139-163. Disponível em <http://doi.org/10.1515/ijsl-2018-0037>.

Di Carlo, P. & Good, J. (2017). The vitality and diversity of multilingual repertoires: Commentary on mufwene (Project muse). *Language*, Vol.93, n.4. Disponível em <https://doi.org/10.1353/lan.2017.0069>.

Dornyei, Z. (2007). *Research methods in applied linguistics: Quantitative, qualitative and mixed methodologies*. London: Oxford University Press.

Firmino, G. (2002). *A “Questão linguística” na África pós-colonial: O caso do português e das línguas autóctones em Moçambique*. Maputo: Promédia.

Fishman, J. A. (1965). Who speaks what language to whom and when? *La linguistique*. Vol. 1, Fasc. 2, pp. 67-88. Disponível em <https://www.jstor.org/stable/30248773>

Fishman, J. A., Ferguson, C. A. and Das Gupta, J. (1968). (Eds.). *Language problems of developing nations*. New York: John Wiley and Sons.

Fortin, M-F.(1999). *O Processo da investigação: Da concepção à investigação*. Lisboa: Lusociência – Edições Técnicas e Científicas, Lda.

Garnder-Chloros, P. (2010). Contact and Code-Switching. In R. Hickey (Ed.). *The Handbook of Language Contact* (pp. 188-207), Oxford: Blackwell.

Gonçalves, P. e Chimbutane, F. (2009). Assimetrias da Mudança Linguística em Situação de Contacto de Línguas: o caso do Português e das línguas bantu em Moçambique. In Carvalho, A. A. (org.). *Português em Contacto* (pp.64-75), Madrid: Vermert verlog.

Glesne, C. (2015). *Becoming qualitative researchers: An introduction*. London: Pearson.

Gonçalves, P. (2010). *A Génese do Português de Moçambique*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

Guissemo, M. (2002). A relevância dos factores sociais escolaridade/profissão na variação linguística do Português Oral de Maputo: o caso de complementos oracionais pelo verbo *dizer*. (Tese de licenciatura, Universidade Eduardo Mondlane).

Gumpez, J. & Hymes, D. (Eds.) (1964). *The Ethnography of Communication*. *American Anthropologist*, 66, pp. 6-17.

Gumpez, J. & Hymes, D. (1972). (Eds.). *Directions in Sociolinguistics: The Ethnography of Communication*. New York: Holt, Rinehart and Winston.

Hickey, R. (Ed.) (2010). *The Handbook of Language Contact*. Oxford: Blackwell.

Jon-And, A. (2011). *Variação, contacto e mudança linguística em Moçambique e Cabo Verde* (Tese de doutoramento, Stockholm University).

Lakatos, E. & Marconi, M. (1992). *Metodologia do Trabalho Científico* (4ª ed.), São Paulo: Editora Atlas, S.A.

Litosseliti, L. (Ed.). (2010). *Research Methods in Linguistics*. London: Continuum International Publishing Group.

Lopes, A.(1999). The language situation in Mozambique. In R. Kaplan e R. Baldauf(orgs.) *Language Planning in Malawi, Mozambique and the Philippines* (pp. 86-132). Clevedon: Multilingual Matters.

Mack, N., Woodsong, C., MacQueen, K. M., Guest, G., & Namey, E. (2005). *Qualitative research methods: A data collector's field guide*. USAID, Family Health International.

Manusse, J. (2011). Desconcentração e Desenvolvimento Comunitário no Distrito de Manjacaze, 2000-2007: o caso da comunidade de Nguzene-Sede. In Gerhard Liesegang (Ed.). *Economia, Política e Desenvolvimento* (pp.101-149). CAP, FLCS – UEM, Maputo, Revista Científica Inter-Universitária, Volume2, Número 1, Setembro de 2011.

Marshall, A. & Batten, S. (2004). Researching Across Cultures: Issues of Ethics and Power. In *Forum: Qualitative Social Research*. Volume 5, Nr.3, Art. 39. Disponível em <http://nbn-resolving.de/urn:nbn:de:0114-fqs040339>.

Matras, Y. (2009). *Language Contact*. Cambridge: Cambridge University Press.

McNamara, C. (2017). Biblioteca de Gerenciamento livre. Obtido nas Diretrizes Gerais para a Condução de Entrevistas de Pesquisa. Disponível em www.managementhelp.org.

Minayo, M. C. S. (2000). *O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec.

NELIMO (1989). *Relatório do I Seminário sobre a padronização da ortografia das línguas moçambicanas*. Maputo: INDE-UEM/NELIMO.

Ngunga, A. Faquir, O. (2012). *Padronização da ortografia de línguas moçambicanas: Relatório do III seminário*. Maputo: Centro de Estudos Africanos (CEA)-UEM.

Ohannessian, S. and Kashoki, M. E. (1978). *Language in Zambia*. London: Routledge.

Oliveira, J.L.M. (s/d). “Antropologia Como Ciência”. Universidade Católica de Brasília. Disponível em <https://www.passeidireto.com/arquivo/21906477>.

Pessoa, V.L.S. & Ramires, J. C. (2016) (Eds.). Amostragem em pesquisa qualitativa: subsídios para a pesquisa geográfica. In *Pesquisa qualitativa em geografia: reflexões teórico-conceituais e aplicadas*. Disponível em <https://www.jstor.org/stable/10.7476/9788575114438.10>

Ponso, L.C. (2014). As Línguas não ocupam espaço dentro de nós: práticas, atitudes e identidades linguísticas entre jovens moçambicanos plurilingues. Niterói, Brasil (Tese de doutoramento, Universidade Federal Fluminense)

Kathupa, J. M. (1994). The language situation and language use in Mozambique. In R. Fardon e G.Furniss (Eds.), *African languages, development and state* (pp. 89-96). London: Routledge.

Ribeiro, J. (2009). Ética, Investigação e trabalho de campo em Antropologia e na Produção audiovisual. Doc On-line, n.07. Disponível em www.doc.ubi.pt, pp. 29-51.

Salzman, Z. (1993). Introduzindo antropologia linguística. In Z. Salzmänn. *Language, culture & Society: An introduction to linguistic anthropology* (pp. 1-11). Boulder, United States of America: Westview Press.

Saville-Troike, M. (2003). *The ethnography of communication: an introduction*. (3ª Ed.). Oxford: Blackwell.

Schilling, N. (2013). Surveys and interviews. In R. J. Podesva & D. Sharma (Eds.). *Research methods in linguistics* (pp.96-115). Cambridge: Cambridge University Press.

Simango, A. (1994). A problemática do meio de ensino no EP1 do SNE (Que língua de ensino: o português ou uma língua bantu), (Tese de licenciatura, Universidade Eduardo Mondlane).

Sitoe, B. e Ngunga, A. (2000). (Eds.). *Relatório do II Seminário sobre a padronização da ortografia das línguas moçambicanas*. Maputo: NELIMO (Centro de Estudos de Línguas Moçambicanas).

Spitulnik, D. (1999). "The language of the city: Town Bemba as urban hybridity". *Journal of linguistic anthropology* 8(1):30-59. American Anthropological Association, Emory University, Department of Anthropology.

Sridhar, K. K. (2009). Societal multilingualism. In S. L. McKay & N. H. Hornberger (Eds.), *Sociolinguistics and language teaching* (pp.47-70). Cambridge: Cambridge University Press.

Tuzine, A. (1997). O papel da rede social na variação e mudança linguística. In C. Stroud e P. Gonçalves (orgs.). *Panorama do português oral de Maputo - Volume I: Objectivos e métodos* (pp. 75-100). Maputo: Instituto Nacional do Desenvolvimento da Educação.

Wardhaugh, R. & Fuller, J.M. (2015). *An Introduction to sociolinguistics*. Oxford: John Wiley & Sons.

Winford, D. (2019). Theories of language contact. In A. P. Grant (ed.), *Language contact* (pp. 51-74). New York: Oxford University Press.

Winford, D. (2010). Contact and borrowing. In R. Hickey (ed.). *The Handbook of language contact* (pp. 170-187), Oxford: Blackwell.

Whiteley, W.H. (1974). (Ed.). *Language in Kenya*. Nairobi: Oxford university press.